



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

SAULO ALBINO DA SILVA

**AS INTERFERÊNCIAS SUBJETIVAS DA LÍNGUA MATERNA NO PROCESSO DE
AQUISIÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA: ENTRE A CAPTURA E A RESISTÊNCIA**

**Recife
2012**

SAULO ALBINO DA SILVA

AS INTERFERÊNCIAS SUBJETIVAS DA LÍNGUA MATERNA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA: ENTRE A CAPTURA E A RESISTÊNCIA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), como requisito para obtenção do grau de mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadores: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilar de Melo

Prof^a. Dr^a. Nanette Zmeri Frej.

**Recife
2012**

S586i

Silva, Saulo Albino da

As interferências subjetivas da língua materna no processo de aquisição da língua francesa : entre a captura e a resistência / Saulo Albino da Silva ; orientador Maria de Fátima Vilar de Melo ; co-orientador Nanette Zmeri Frej., 2012.

163 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2012.

1. Língua materna. 2. Língua francesa -Aquisição.
3. Aquisição de segunda língua. I. Título.

CDU 801

**AS INTERFERÊNCIAS SUBJETIVAS DA LÍNGUA MATERNA NO PROCESSO DE
AQUISIÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA: ENTRE A CAPTURA E A RESISTÊNCIA**

SAULO ALBINO DA SILVA

PROF^a. DR^a. MARIA DE FÁTIMA VILAR DE MELO

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a
obtenção do título de mestre em Ciências da Linguagem

Data: 19 de outubro de 2012

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilar de Melo
Universidade Católica de Pernambuco
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Fernanda Wanderley C. Andrade
Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)
Examinadora externa

Prof^a. Dr^a. Glória Maria Monteiro de Carvalho
Universidade Católica de Pernambuco
Examinadora interna

À memória da minha mãe, Antônia Albino, por, em meio a tanta pobreza material, ter me colocado, aos três anos de idade, em uma escola e me ensinado a amar os livros.

Não digas: este que me deu corpo é meu pai.
Esta que me deu corpo é minha mãe.
Muito mais teu Pai e tua Mãe são os que te fizeram
Em espírito.
E esses foram sem número.
Sem nome.
De todos os tempos.
Deixaram rastros pelos caminhos de hoje.
Todos os que viveram.
E andam fazendo-te dia a dia.
Os de hoje, os de amanhã.
E os homens, e as coisas todas silenciosas.
A tua extensão prolonga-se em todos os sentidos.
O teu mundo não tem pólos.
E tu és o próprio mundo.

Cecília Meireles

AGRADECIMENTOS

No fim desse curso de mestrado, é impossível não olhar para trás e tentar reconstituir o caminho que me conduziu até aqui. Nesse caminho, sempre senti a presença de Deus, dando a força que só tem, e de muitas pessoas que me ajudaram durante esses dois anos de pesquisa. Graças a elas, tive força para ultrapassar mais uma etapa de minha vida. São elas:

Professora Maria de Fátima Vilar de Melo que aprendi a admirar pela sua competência e humanidade, pois nunca me deixou sozinho ao longo desse percurso. Quando tudo me parecia perdido, sua experiência me ajudava a retomar as rédeas da situação.

Professora Nanette Zmeri Frej com que sempre dividi minha angústia diante de certos conceitos da psicanálise, que me pareciam inacessíveis.

Professoras Glória carvalho e Fernanda Wanderley que, num momento decisivo desse trabalho, trouxeram-me contribuições, que me permitiram enriquecê-lo e finalizá-lo.

Professora Marígia Aguiar por toda a sua atenção para com os alunos da minha turma, MCL 8, e por todo o seu apoio durante todo o tempo que me dediquei a esse projeto.

A professora Wanilda Cavalcanti por ter me acolhido no primeiro dia que vim à Católica com o sonho de fazer um mestrado.

A professora Nadia Azevedo por todo o seu carisma e dedicação aos mestrandos e por ter indicado Maria de Fátima Vilar como minha orientadora.

A professora Auristela Oliveira, minha primeira professora de francês na universidade. Alguém que nunca mediu esforços para me ajudar a me tornar o professor de francês que sou hoje e, nesta empreitada, esteve sempre ao meu lado.

A professora Yracilda Coimet, que me fez viajar por uma França que eu não conhecia e que tanto me incentivou e me incentiva a prosseguir a carreira acadêmica. Durante o mestrado, não foi diferente, pois sempre me dirigi a ela em busca de conselhos.

O professor Lucilo Varejão por ter tanto investido na minha formação, com palavras de sabedoria e de incentivo.

Padre Geraldo Magela por ter semeado o francês no Jordão e ter feito com que essa língua começasse a me capturar ainda criança e por ter mostrado um grande interesse em me ver neste trabalho.

Padre Lúcio Flávio Cirne, pró-reitor comunitário da Unicap, pelo respeito para com todos os alunos dessa instituição, independentemente da condição social ou financeira.

Minha grande amiga Miriam Miranda da Silva que, durante esses dois anos, nos momentos de angústia, sempre soube me escutar e, muitas vezes, assumiu minhas aulas de francês para que eu pudesse me dedicar a esse trabalho.

Professor Aldo de Lima por toda sua força durante toda minha vida acadêmica, por sempre ter visto um potencial em mim, que nem mesmo eu o via, e por ter sempre me dito que eu conseguiria concluir mais esta etapa.

Minha amiga Jandira Gonçalves, que interpretou, muitas vezes, o papel de aluna de psicanálise a fim de escutar as minhas elucubrações sobre o assunto.

Minha amiga de muitas jornadas, Rosilene Batista por me escutar nos momentos de angústia e pelos passeios que fizemos no centro da cidade durante o período do mestrado.

Minha amiga Fernanda Ribeiro, que me acompanha há muito tempo e que sempre me estendeu os braços, o que não foi diferente durante esse trabalho.

Meu grande aluno e amigo Henrique Justo por toda atenção e apoio durante esse projeto.

A todos meus alunos de francês, que souberam compreender o meu cansaço na sala de aula, devido às atividades desse projeto.

As pessoas entrevistadas pela seriedade no que disseram e pela entrega.

Minhas duas amigas e irmãs na caminhada da vida, Riso Sena e Rejane Maria, que me ajudam desde sempre e que, no dia da minha defesa, saíram do Jordão às 5 horas, enfrentaram um ônibus e um metrô, chegaram à minha casa às 7 horas, foram comigo à Unicap e me trouxeram de volta para casa.

Minhas grandes amigas Célia Souto Maior e Paula pela capacidade de me escutar ao longo dessa dissertação e pelos preciosos conselhos.

Minhas amigas Maria Lúcia Paulino e Joana Darc Vitor por terem me incentivado a entrar nesse programa de mestrado.

A psicanalista Lúcia de Queiroz por todo o apoio teórico, por sua amizade e consideração.

Jamile cássia pelas contribuições concernentes à psicanálise

Minhas grandes amigas Nélia e Elane Soares com que dividi momentos inesquecíveis no bloco G4 da Unicap.

A Universidade Católica de Pernambuco por investir fortemente num curso de mestrado, possibilitando, assim, que muitos estudantes possam desenvolver seus conhecimentos e realizar o sonho de ser mestre.

Por fim, minha grande amiga, companheira e mulher, Ana Paula Bastos de Lima, que sempre me apóia em tudo de bom que faço, que está comigo desde o primeiro momento que pensei em fazer esse mestrado e me ajudou de todas as formas possíveis.

RESUMO

O tema desta dissertação teve como ponto de partida a situação de certos estudantes de língua francesa que, apesar de estarem no nível intermediário dois ou avançado, ainda apresentavam extremas dificuldades de falar essa língua. Essa situação levou-nos a supor que tal dificuldade poderia ser o reflexo da interferência da língua materna, do laço que cada estudante mantinha com sua língua materna, pois, sempre que esses alunos tentavam falar francês, hesitavam, procuravam palavras em português e, aos poucos, traduziam o que queria dizer, como se buscassem sempre uma correspondência na língua materna. Alguns deles produziam diálogos bem simples enquanto outros não conseguiam formar frases complexas. É importante ressaltar que tais alunos pareciam demonstrar interesse em aprender essa língua, o que parecia contraditório, pois, se havia vontade, por que tanta dificuldade? Diante de tal situação, a partir da noção de inconsciente estruturado como uma linguagem, proposta por Lacan, de sujeito efeito da significante, procuramos guiar nosso trabalho por teóricos de aquisição da linguagem que compactuam com os pressupostos lacanianos, tais como Cláudia de Lemos, Charles Melman, Christine Revuz e Jean-Claude Milner. Assim, buscamos, na fala dos sete participantes selecionados após um questionário e uma entrevista semi-estruturada, elementos que apontassem para os reflexos desse laço específico com a língua materna, reflexos interpretados como resistência à captura que a língua francesa representa para essas pessoas. A partir dos resultados, tentamos compreender o que viria a ser esse laço específico, tão particular que amarra o falante à sua língua, à sua língua materna, chamada por Revuz (2007) de língua fundadora. Como material de análise, optamos por uma entrevista semi-estruturada, pois acreditamos que esse gênero permite que o eu tome a palavra e que cada participante possa tentar exprimir seus sentimentos concernentes a essa dificuldade. Para fins de análise, demos total atenção à fala de cada participante. Buscamos, ao longo dessa fala, elementos que pudessem trazer pista dessa dificuldade, tais como significantes que se repetissem, desvios do discurso, entonação dada a certas palavras. Ainda para fins de análise, servimo-nos de alguns conceitos da AD propostos por Authier-Revuz, tais como não coincidências e heterogeneidade discursiva. Os resultados apontaram elementos que marcam um aquém de nossas expectativas e acreditamos que eles serão úteis a todos os envolvidos com aquisição de línguas estrangeiras, principalmente aprendizes que vivem situação semelhante à medida que, longe de interpretar tais reflexos e estabelecer um diagnóstico, podemos fazê-los refletir sobre a sua história tão singular com a língua fundadora e sobre a complexidade de ser envolvido e capturado por uma língua dita estrangeira.

Palavras chaves: língua materna, língua francesa, psicanálise, laço específico, captura, resistência.

ABSTRACT

This dissertation investigates the difficulties regarding the learning process of some students of French language that, despite the fact of being in intermediate and advanced levels of their studies, presented a considerable level of difficulty regarding speaking in French. This leads us to make the assumption that such inequality could be attributed to the interference from their mother language and the link that each one of the students had with it, as each time that the students tried to speak in French, they demonstrated levels of hesitation, trying to search for references in the Portuguese language, translating the words they wished to say, in a sort of process of looking for similarities with in their native language. Some of the students were capable of conduct simple speeches and others were not able to assembly complexes sentences. It's important to emphasize that those students seemed to demonstrate interest in learning the French language, fact that sounded contradictory, as if they had the willingness to learn, why there were high levels of difficulties in their learning process? Standing such particularity, using the notion of the unconscious structured as a language form, proposed by Lacan, the significant effect of the subject, it was conducted this research, supported by the acquisition of language theorists that establishes interfaces with the Lacan assumption's, such as Charles Melman, Christine Revuz and Jean-Claude Milner. Thus it was sought, in the speech of seven selected participants, after conducting a questionnaire and a semi-structured interview, evidences that could point out to the consequences from this bond with their mother tongue, understood as a barrier to the learning process of the French language, to this sample investigated. From the outcome it was tried to understand what could be this linkage that those French foreign students faced in such a specific way, with their native spoken language, named by Revuz (2007) as "founder language". For the analyses, it was chosen semi-structured interviews, as it is believed that allows us to be ahead of the process and that each participant is able to express their feelings related to their difficulties. It was given attention to their speeches, seeking for elements that could bring evidences of their faced barriers, such as repeated words, deviations of speech and intonation given to certain words. Additionally for analysis purposes, it was used some of the concepts proposed by Authier-Revuz, such as mismatches and discursive heterogeneity. The results put in evidence elements that are below our expectations and we believe that they will be useful to all that are involved with the acquisition process of foreign languages, especially students that faces similar situation as in the proportion that - without the objective of interpret these reflections and establish a diagnosis - we can suggest then to reflect on their unique experience with their founder language and about the complexity of being involved and captured for some foreign language.

Key-words: Mother language, French language, psychoanalysis, link specific, capture, resistance.

Sumário

1.INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1. Língua e Psicanálise.....	16
2.2. O sujeito do inconsciente.....	21
2.3. O homem e a linguagem.....	27
2.4. Língua materna.....	31
2.5. A criança e a língua materna: a errância do significante.....	35
2.6. O encontro com a língua dita estrangeira.....	39
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	46
3.1. Considerações metodológicas.....	46
3.2. Sujeitos.....	47
3.3. Procedimento.....	48
4. Resultados e discussões.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICES	123

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como ponto de partida uma situação vivenciada por professores de língua estrangeira e refletida por pesquisadores da aquisição da linguagem, notadamente aquisição de línguas estrangeiras: a situação de certos alunos de língua estrangeira que, com o passar do tempo, não conseguem falar a língua estudada. Acerca desse assunto, Revuz (2007) assinala que poucas são as pessoas que conseguem atingir o que chamamos de fluência em língua estrangeira, ou seja, conduzir uma conversa com um falante nativo ou assistir a um filme sem legenda e compreender claramente o áudio.

Sabemos que a aquisição de uma língua não se traduz num processo simples e que diversos são os fatores que podem dificultar o seu aprendizado, como a falta de tempo ou a falta de contato com a língua estudada. Ainda segundo Revuz (ibidem), o aprendizado de línguas estrangeiras requer do aprendiz “uma grande flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo sobre os ritmos, os sons, as curvas entoacionais, e um trabalho de memorização das estruturas lingüísticas” (p. 217). Dessa forma, a aprendizagem de uma língua estrangeira requer do aprendiz muito esforço e são várias as causas do que chamamos de fracasso.

Quanto ao nosso trabalho, a convivência com alunos matriculados num curso de língua francesa, no nível intermediário dois ou no nível avançado e que apresentavam extremas dificuldades de falar essa língua, levou-nos a supor que tal dificuldade poderia estar, de alguma forma, relacionada à interferência do laço que esses alunos mantinham com a língua materna, pois observamos que tais alunos, antes de formar uma frase em língua estrangeira, pensavam em português e, aos poucos, tentavam traduzir o que queriam dizer. Muitas vezes, esses alunos não queriam aceitar certas estruturas ou certas expressões da língua francesa, por não encontrar equivalentes dessas estruturas ou expressões na língua portuguesa. Alguns deles, apesar de muito embargo, conseguiam até conduzir pequenas conversas ao passo que outros apresentavam grandes dificuldades de formar frases complexas em língua francesa.

Na busca de possíveis explicações a essa dificuldade, recorreremos à linguística moderna e a perspectiva psicanalítica fundada por Lacan, que retomou a obra Freud na sua radicalidade. Para tanto, valeu-se de outros campos teóricos, dentre os quais a linguística. Assim, propôs que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que o sujeito é efeito do significante. Recorreremos também a teóricos, cujos estudos resultam do diálogo entre a linguística e a psicanálise (especificamente as teorias de Freud e a lacaniana), tais como Cláudia de Lemos, Charles Melman, Christine Revuz e outros.

Para Milner (1987), a aquisição da língua materna é uma experiência inaugural e definitiva. Dentro da mesma perspectiva, Revuz (2006) assinala que o estudante de língua estrangeira traz ao curso uma história com a língua que o inseriu na linguagem. Ainda de acordo com essa autora: “o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com *nossa língua*” (2006, p. 215). Dessa forma, é impossível conceber a aquisição de uma língua estrangeira sem a interferência da língua materna, seja como facilidade diante da língua estrangeira, seja como resistência à captura que essa língua representa.

Por este trabalho tratar de língua estrangeira, é preciso deixar clara a concepção de aquisição de língua que assumimos para a elaboração do mesmo, a saber, de língua enquanto captura, captura de um ser diante do desejo do Outro, proposta por De Lemos, em *Da Angústia na infância* (2007). Essa noção vai de encontro à noção de língua enquanto um instrumento do qual nos servimos para nos comunicarmos. Assim, sendo a língua uma captura, embora sejam duas experiências distintas, tanto a entrada na língua materna quanto na estrangeira é um processo de captura. O que devemos frisar é que a língua materna captura um ser que ainda não é sujeito e o chama à subjetividade, enquanto a língua dita estrangeira tenta capturar um ser já sujeito à linguagem, já falado por uma língua e preso a essa língua por um laço específico. Dessa forma, o encontro com a língua estrangeira se traduz num confronto, visto que: “toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua” (REVUZ, 2007, p.217).

Diante da realidade dos alunos dos quais falamos no primeiro parágrafo, apoiados em alguns conceitos da linguística estrutural e na concepção de linguagem proposta pela psicanálise, segundo a qual o sujeito é efeito do significante, buscaremos compreender o confronto vivido por esses estudantes, confronto traduzido como resistência ao processo de captura que a língua francesa representa para o sujeito. Assim, partindo da noção de língua como captura proposta por de Lemos e da noção de laço específico com a língua materna proposta por Christine Revuz, observaremos os efeitos desse laço específico que cada participante mantém com a língua materna, efeitos esses, segundo Revuz (*Ibidem*), traduzidos nas estratégias de aprendizagem ou não-aprendizagem da língua estrangeira. A partir da observação desses efeitos, à luz das teorias nas quais apoiamos nossa pesquisa, procuraremos compreender o que seria esse laço específico. Para tanto, procuraremos compreender a relação dos participantes desta pesquisa com a língua francesa, a sua concepção de língua, o lugar que o francês ocupa no seu imaginário enquanto povo, enquanto cultura. Voltaremos também a nossa atenção para seus percursos escolares em língua francesa e as suas experiências com outras línguas estrangeiras. cremos que tais observações nos serão úteis à medida que elas nos ajudarão a formular hipóteses sobre o lugar que a língua francesa ocupa nas suas vidas e sobre a dificuldade vivenciada por cada um no processo de aprendizagem dessa língua.

Partir da noção de laço específico em busca de possíveis explicações para a interferência da língua materna, enquanto resistência à língua estrangeira, é uma tarefa um tanto difícil, visto que a noção de laço específico é um assunto sobre o qual ainda não se encontram muitos trabalhos. No entanto, aceitamos o desafio, pois cremos que nosso trabalho servirá de acréscimo aos poucos trabalhos já existentes.

Quanto ao corpus de análise, usaremos as entrevistas de sete participantes selecionados por meio de um questionário composto por duas questões concernentes ao estudo da língua francesa e de uma entrevista semi-estruturada sobre o mesmo assunto. Para fins metodológicos, além de recorrer a muitos conceitos propostos pela psicanálise, servir-nos-emos de alguns conceitos presentes em Authier-Revuz, tais como heterogeneidade discursiva e não-coincidências. Sabendo que todo discurso carrega o peso de um Outro,

atentaremos para cada tropeço desse discurso, pois sabemos que é nessas falhas que o sujeito do inconsciente tende a se manifestar.

Quanto à sua estrutura, esta dissertação compreende a introdução, três capítulos - fundamentação teórica, caminhos metodológicos, resultados e discussões - e as considerações finais. O primeiro capítulo, fundamentação teórica, teve o objetivo de estabelecer uma relação entre a noção de sujeito do inconsciente proposta por Lacan, os teóricos que lhe serviram de base e o reflexo da teoria lacaniana nos atuais estudos de aquisição da linguagem, tais como os de Cláudia de Lemos. Ele está subdividido em cinco seções: 2.1. Língua e psicanálise, que teve como objetivo discorrer sobre as teorias que inspiraram Lacan a propor a noção de inconsciente estruturado como linguagem, a linguística moderna de Saussure e as Relações metafóricas e metonímicas propostas por Roman Jakobson; 2.2. O sujeito do inconsciente, capítulo no qual foi discutida a noção de inconsciente estruturado como uma linguagem proposta por Lacan; 2.3. O homem e a linguagem, que, a partir da noção de inconsciente estruturado como uma linguagem, refletiu sobre a entrada no ser humano na linguagem; 2.4. Língua materna, que buscou refletir sobre a noção de língua materna proposta pela psicanálise e sobre o laço específico que o falante mantém com essa língua; 2.5. A criança e a língua materna: a errância do significante, que discorre sobre o processo de captura pelo Outro, que chama o vivo à subjetividade; 2.6. O encontro com a língua estrangeira, que teve o intuito de mostrar essa experiência além da noção de língua enquanto um instrumento, um objeto de conhecimento.

O segundo é composto de: 3.1. Considerações metodológicas, descrição do modo com o qual foram tratados os dados; 3.2. Sujeitos, que visou descrever os sete participantes da pesquisa e a falar um pouco da escola à qual pertencem; 3.3. Procedimentos: espaço no qual é descrito o tratamento dado aos dados, desde a sua coleta à sua análise. No terceiro capítulo, apresentamos a análise dos dados, tendo como suporte o referencial teórico apresentado nesse trabalho e, nas considerações finais, retomaremos o objetivo do trabalho e, a partir da interpretação dos resultados, discutiremos o que a pesquisa apontou de novo à linha de pesquisa e faremos uma articulação entre as hipóteses lançadas e os resultados obtidos.

Consideramos que as reflexões deste trabalho poderão contribuir com as esferas em torno das quais gravita a questão da aquisição de uma língua estrangeira - professores, alunos e pesquisadores - visto que estes terão novos dados para as suas pesquisas, esses terão uma nova visão do processo no qual estão inseridos, o confronto entre a captura e a resistência, e aqueles poderão compreender um pouco mais o processo vivido por seus alunos, sobretudo aqueles que apresentam o que chamamos de dificuldade de aprendizado e, assim, estar preparados a lidar com a heterogeneidade na sala de aula de língua estrangeira.

Fundamentação Teórica

2.1. Língua e psicanálise

As reflexões lacanianas acerca da linguagem têm como ponto de partida, além da teoria dos sonhos de Freud, o CLG de Ferdinand de Saussure, e as relações metafóricas e metonímicas propostas por Roman Jakobson. Sendo assim, antes de partir para a teoria laciana, é preciso conhecer um pouco do trabalho desses dois autores.

Em seu Curso de Linguística Geral, Ferdinand de Saussure propôs a dicotomia *langue*/parole, esta individual e aquela social, independente do indivíduo. A partir dessa dicotomia, ele tomou a *langue* como o objeto essencial de seu trabalho. Outra característica da sua obra é a introdução da visão sincrônica nos estudos linguísticos, que tem como objetivo a análise detalhada da língua em um dado momento histórico. De acordo com Dor (1992), a introdução da abordagem sincrônica mostrou que uma perspectiva apenas diacrônica não é suficiente ao estudo da língua, pois a história de uma palavra não permite entender a sua significação presente. Afinal, a significação é dependente do sistema da língua e sistema indica leis em equilíbrio.

No CLG, o termo *langue* (língua) se refere a um sistema de símbolos linguísticos presente em todos os falantes de uma língua. Sendo assim, ninguém tem acesso à sua totalidade, visto que a língua é social, e não propriedade particular:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema virtual que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos (...) (SAUSSURE, 2006, p.21)

Pensar a *langue* como social significa vê-la como algo inerente à constituição do ser humano, como uma herança. Essa concepção vai de encontro à noção de um sujeito autônomo, sujeito que usa a língua enquanto objeto da sua criatividade.

Quanto ao funcionamento da língua, o CLG destacou, além de outros aspectos, o signo linguístico e as relações sintagmáticas e associativas. Para

Saussure, o signo linguístico é uma unidade psíquica composta de um significante - uma imagem acústica- e um significado - um conceito. Dessa forma, há uma relação entre essas duas interfaces do signo. Ainda segundo Saussure, o laço que une o significante ao significado é arbitrário. A propósito desse assunto, ele afirma, na página 83 do CLG (2006), que a relação significante/significado é imotivada, pois não existe nenhum laço natural entre eles. Supomos, assim, que esta foi a razão pela qual o autor privilegiou a visão sincrônica, pois a perspectiva diacrônica não seria capaz de compreender essa relação, visto que não existe explicação histórica para relação entre o significante e o significado.

Dentro de uma comunidade linguística, os signos linguísticos são aceitos sem questionamentos. Segundo Saussure: “[...] a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência, não importa qual [...] (2006, p.81)”. A partir desse exemplo, a autor deixa claro que a arbitrariedade não está ligada à escolha dos falantes, pois reside na associação entre significante e significado: (...) o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (ibidem, p.83)

Se o laço que une uma idéia a uma imagem acústica é arbitrário, o valor torna um signo distinto dos demais. Para Saussure, “é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com certo conceito” (2006, p.132), pois a língua não é apenas léxico. Sendo assim, seria impossível isolar termos e criar um sistema. Afinal, é o todo que permite a análise de um elemento: “visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (Ibid. p.133). Na simultaneidade, o signo só adquire valor em oposição aos outros signos. Diante dessa afirmação, a noção de língua enquanto sistema torna-se clara, visto que um signo apenas se afirma como tal dentro da totalidade, ou seja, fora do sistema da língua, o signo não pode exprimir significação. À guisa de ilustrar, Dor (1992) retoma o exemplo saussuriano de uma imagem acústica ligada a dois significados: eu aprendo e eu a prendo. Embora se trate da mesma imagem acústica, dentro de um contexto específico, um componente de uma comunidade linguística não faz

confusão de sentidos graças ao contexto. Por fim, Dor (ibidem) conclui que, se o contexto delimita o signo, esse contexto se refere ao conjunto de signos de uma língua, conjunto no qual um signo assume seu valor em oposição aos demais, a exemplo da metáfora saussuriana do jogo de xadrez.

Ainda a respeito do valor, o CLG enfatiza a diferença entre valor e significação. Embora seja difícil entender esses dois termos que parecem um só, Saussure insiste na diferença entre eles. A título de exemplificar, o autor cita o substantivo em português *carneiro*, o substantivo em francês *mouton* e *sheep* em inglês, que, embora tenham a mesma significação, pois se referem ao mesmo animal, têm valores diferentes, visto que: “ao falar de uma porção de carne separada e servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep* (SAUSSURE, 2006, p.134). Quanto ao interior de uma mesma língua, Saussure menciona os sinônimos, que: “só têm valor próprio pela oposição” (SAUSSURE, 2006,p.134). A fim de explicar esse pressuposto saussuriano, tomemos, em português, os verbos *detestar*, *odiar* e *abominar*. Todos os três conotam depreciação, no entanto, um falante de português não pronuncia “eu odeio” diante de todos os contextos de depreciação. Podemos dizer, por exemplo, “não gosto de pão”, “detesto chocolate”, “odeio meu vizinho”, “abomino mentira”. Se os sinônimos fossem totalmente equivalentes, empregariamos esses verbos indiferentemente, em qualquer contexto. Entretanto, percebemos que a escolha de um desses termos modifica o significado do que dizemos. Saussure completa que, se não existisse um desses sinônimos, “todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes” (ibid, p. 135). Assim, podemos dizer que, se existissem apenas *detestar* e *abominar* todos os valores dos sinônimos existentes iriam para estes dois verbos.

Dando continuidade ao estudo do funcionamento da língua, no capítulo V da segunda parte do CLG, Saussure se volta para as palavras e explica a sua função na linguagem a partir de dois processos já mencionados: as relações associativas e as relações sintagmáticas. Estas são do domínio da fala e ocorrem *in presentia*. Aquelas, *in absentia* e unem termos numa série mnemônica virtual. Entende-se por relações sintagmáticas o processo pelo qual as palavras adquirem significação dentro de um sintagma, como afirma o autor “(...). Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos (...)” (2006, p.142). Isso

quer dizer que as palavras, apesar de estarem juntas no discurso, não são confundidas umas com as outras, visto que o caráter linear da língua não permite a pronúncia de duas palavras ao mesmo tempo, uma sobreposta a outra. No que concerne às relações associativas, fora do discurso, as palavras que mantêm algo comum entre si se associam na memória dos falantes e formam grupos. Assim, sempre que pensamos uma palavra, esta ativa um campo lexical ligado a ela, por exemplo, a palavra ensino traz à memória termos como educação, instrução, aprendizagem, etc. Graças a essas associações, uma palavra produz, na memória de um falante, imagens e relações as mais diversas possíveis, de acordo com a sua experiência de vida.

Ao dizermos que as relações sintagmáticas estão ligadas à fala e as associativas à língua, podemos ser tentados a pensar que as relações sintagmáticas resultam da criatividade do falante. A fim de prevenir esse equívoco, Saussure reforçou que a língua tem sua ordem própria e as combinações dos sintagmas são fornecidas pela tradição. Há mesmo, segundo Saussure, muitas expressões que são próprias da língua e não admitem qualquer mudança vinda do falante, tais como: *à quoi bon?*¹. Existem, ainda, expressões que, apesar de um menor grau de rigidez, dependem das particularidades da sua significação ou da sua sintaxe, tais como: *avoir mal à (Tête)*.² Tanto estas como aquelas não podem ser improvisadas pelo falante, pois são fornecidas pela tradição (2006, p.144).

A partir dessas duas relações propostas por Saussure, o lingüista Roman Jakobson explicou o funcionamento da linguagem por meio dos processos metafóricos, ou de similitude, e metonímicos, ou de contigüidade. Como ele diz:

O desenvolvimento de um discurso pode ser feito ao longo de duas linhas semânticas diferentes: um tema (tópico) conduz a um outro seja por similitude, seja por contigüidade. O melhor seria, certamente, falar de processo metafórico no primeiro caso e de processo metonímico no segundo. (tradução nossa).³

¹ Por quê? Para que serve?

² Ter dor de cabeça.

³ Le développement d'un discours peut se faire le long de deux lignes sémantiques différentes : un thème (topic) en amène un autre soit par similarité soit par contigüité. Le mieux serait sans doute de parler de procès métaphorique dans le premier cas et de procès métonymique dans le second. (1963, p.61)

Para Jakobson (1986), o discurso de um indivíduo é organizado por esses dois processos. A valorização de um deles demonstra o estilo pessoal e a preferência verbal. Como exemplo, o autor mencionou as poesias românticas e simbolistas, nas quais há o predomínio da metáfora, e a poesia realista com a supremacia da metonímia. Ainda em matéria de exemplo, o autor menciona, nessa mesma obra, um teste psicológico infantil. Após ter escutado uma palavra, crianças deveriam dizer o que viesse à cabeça de imediato. Em relação à palavra *choupana*, uns responderam: *pegou fogo*, outros, *uma casinha pobre*. Isso prova que a linguagem é organizada pelos processos em questão. No que concerne às crianças que responderam *casinha pobre*, elas fizeram uso da metáfora, ou seja, uma substituição por similitude. Quanto ao segundo grupo, tentaram explicar de forma narrativa, ou seja, por uma contiguidade sintática. Sendo assim, podemos concluir que a metáfora consiste na seleção lexical e na substituição por um termo similar, enquanto a metonímia representa combinação e articulação entre as unidades linguísticas. Neste segundo caso, o falante combina elementos linguísticos a partir de uma hierarquia a fim de produzir sentidos próximos ao termo em questão no discurso.

A similitude e a contiguidade estão presentes no discurso de todos os indivíduos, pois segundo Jakobson (*ibidem*), um tema sempre conduz a outro, seja por contiguidade, seja por similitude. No entanto, o autor apoiou-se nesses processos a fim de explicar os casos de afasia, pois tais casos derivam de falhas no eixo metafórico ou no metonímico. No primeiro caso, o afásico torna-se incapaz de selecionar e substituir, devido ao que Jakobson chama de deterioração da metalinguagem. No segundo, é impossível manter a hierarquia das unidades linguísticas. Esses dois casos são observados quando um afásico não consegue encontrar uma palavra ou diz todas as palavras de forma vazia, sem combinação e produção de sentidos.

A partir das observações de Jakobson a respeito das afasias, Lacan buscou explicação para as psicoses, observações que podem ser conferidas no seminário 3, denominado *As Psicoses*.

2.2. O sujeito do inconsciente

Após termos explanado alguns conceitos relativos à língua e à linguagem propostos por Saussure e por Jakobson, conceito esses dos quais Lacan se serviu para elaborar a noção de inconsciente estruturado como uma linguagem, passemos à noção de sujeito do inconsciente. Assim, neste tópico, buscaremos compreender o que significa dizer que o inconsciente é estruturado como linguagem.

Ao lançar um novo olhar sobre tudo que escapa à consciência humana, Freud trouxe um novo significado ao termo inconsciente, desprezado pela filosofia e psicologia da época. Antes de Freud, esse termo designava apenas o que fugia à consciência, à razão, como afirma Garcia-Roza:

O termo “inconsciente”, quando empregado antes de Freud, o era de uma forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas jamais para designar um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria. (1997, p.169)

O autor prossegue: “Lacan declara que o ‘inconsciente’ de Freud não é de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite”. (ibid. p. 170)

Contra essa visão romântica de inconsciente, que o concebia enquanto o lugar dos mistérios humanos, algo abaixo da consciência, Freud apresenta-nos o inconsciente com um sistema dotado de leis e atividades próprias. Sendo assim, o homem não tem total controle sobre seus atos, visto que ele é atravessado pelo inconsciente, ou seja, o modo pelo o qual o homem age e marcado por uma constante dualidade, uma prova disso são os fenômenos lacunares apontados por Freud. Doravante, esse conceito passa a ser fundamental para a explicação de muitos problemas humanos.

Lacan, por sua vez, afirmou que: “Se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (1985, p.193). Essa concepção o conduz a avançar na sua teorização chegando a propor uma nova relação entre consciente e inconsciente a partir do conceito de sujeito do inconsciente. Para

melhor entendermos o conceito de sujeito do inconsciente proposto por Lacan, recorramos a essa definição dada por Elia:

O sujeito, para a Psicanálise, é constituído a partir do encontro do corpo vivo com o mundo dos significantes (Outro da linguagem), o que interdita qualquer apreensão de seu advento em termos psicológicos [...] O sujeito não é inato, não vem ao mundo junto, dentro ou acoplado ao ex-feto, recém nascido. O sujeito tem sua história não no período de gestação (que concerne unicamente ao indivíduo psicofísico que vem a nascer), mas muito antes, num eixo simbólico que pode atravessar várias gerações que o precedem, num conjunto de traços que lhe são transmitidos a posteriori, quando da sua constituição se dá, em necessária articulação com o corpo [...].

(2004, p.127)

A teoria lacaniana do sujeito estruturado como linguagem teve como ponto de partida os escritos freudianos a respeito do sonho, especificamente os processos de condensação e deslocamento. Observando que a condensação é:

Um dos modos essenciais do funcionamento dos processos inconscientes: uma representação única representa por si só várias cadeias associativas, em cuja intersecção se encontra. Do ponto de vista econômico, é então investida das energias que, ligadas a estas diferentes cadeias, se adicionam nela (LAPLANCHE, PONTALIS, 1970, p. 129)

E que o deslocamento pode ser definido como: “ Fato de a acentuação, o interesse, a intensidade de uma representação ser susceptível de se soltar dela para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa” (ibidem, p. 162), Lacan compreendeu que o inconsciente tinha sua linguagem e buscou explicações para propor a sua teoria, como afirma Dor (1992, p.19):

Os primeiros conceitos lacanianos, que sustentam a hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem, podem ser circunscritos já numa primeira abordagem da teoria freudiana do sonho (...), ao apoiar-se no funcionamento dos diversos mecanismos do processo primário inconsciente. (1992, p.19)

Ao dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Lacan não se referiu a certas definições de linguagem propostas por certos linguistas

da época, que, preocupados em definir o objeto da linguística, valorizavam o concreto, o referente, o lógico. Para Lacan, a linguagem é sempre metafórica, pois:

Mas é curioso que os linguistas não vejam que todo uso da linguagem, seja ele qual for, desloca-se na metáfora, que só existe linguagem metafórica. Qualquer tentativa de “metalinguajar”, se assim posso me exprimir, demonstra isso. Ora, nos enunciados de qualquer dessas tentativas lógicas, pomos o dedo em cima de que essa linguagem-objeto é inapreensível. É da natureza da linguagem – não digo da fala, digo da própria linguagem- que, no que concerne à abordagem do que quer que seja que o signifique, o referente nunca é o certo, e é isso que cria uma linguagem. (2009, p.43)

Ao assinalar que todo uso da linguagem se desloca na metáfora, Lacan quis dizer que não existe uma correspondência exata entre significante e referente, visto que o significante “por sua natureza, ele evoca um referente. Só que não pode ser o certo. É por essa razão que o referente é sempre real impossível de designar. Mediante o que só nos resta construí-lo. E nós o construímos, quando podemos” (Ibidem). Com isso Lacan disse que esse real da língua, apoiado no referente, que muitos linguistas da época tentavam definir, não deveria ser o objeto de estudo da linguagem.

Na teoria lacaniana, valoriza-se o significante, considerando que: “ esse significante pode ser muito bem o suporte de alguma coisa” (LACAN, 2009,p.43). Para Lacan, um significante sempre remete a outros significantes na tentativa de representar o real. Essa é a razão pela qual Lacan destacou a supremacia do significante. Assim, para representar a relação significante/significado, Lacan grafou aquele com um S maiúsculo e este com um s minúsculo. Ainda, de acordo com esse autor, a linguagem não é um instrumento, pois o sujeito é sujeito da linguagem. Essa idéia fica clara na afirmação seguinte:

[...] o sujeito, se parece servo da linguagem, ele o é mais ainda de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito desde seu nascimento, ainda que sob a forma de seu próprio nome (LACAN, 1978, p.52).

Ao observar atentamente os trabalhos freudianos, é impossível não perceber a estreita relação entre o inconsciente e a linguagem: os atos falhos,

os processos oníricos etc. Lembremo-nos que Freud sempre tratou seus pacientes por meio da palavra. De início, com a hipnose, depois com o paciente acordado. O fato é que Freud sempre se voltou para a linguagem a fim de explicar os sintomas dos pacientes. O passo decisivo de Lacan foi usar termos da linguística a fim de explicar o inconsciente estruturado como uma linguagem. Para tanto, Ele recorreu à Linguística Estrutural, notadamente ao conceito de signo, ao funcionamento da linguagem e à teoria do valor do signo linguístico, tendo sido um leitor fecundo Saussure e de Jakobson

Como já visto no item anterior, para Saussure, o signo linguístico é composto de significante e significado. Dessa forma, o significante e o significado são as interfaces do signo. Lacan, por sua vez, fez uso desses termos e apontou a supremacia do significante. Acerca desse assunto, Michel Arrivé faz o seguinte comentário: “Há em Saussure ‘delimitação recíproca das unidades’ (...) Nada semelhante em Lacan. Existe, ao contrário, ‘autonomia’ do significante com relação ao significado” (2001, p.99). Seria difícil estabelecer a posição de Saussure quanto à relação significante/significado, visto que a descoberta de Escritos de linguística geral e a elaboração de pesquisas sobre o CLG ampliam a visão da teoria saussuriana. Mas, quanto ao nosso trabalho, podemos dizer que, para Lacan, um significante está ligado a vários significantes, formando assim uma cadeia, marcada pelo constante deslize.

A respeito da supremacia do significante, em O Seminário 3, As Psicoses, Lacan insiste no seu valor na constituição do imaginário a ponto de criticar os analistas que buscavam, no significado, a solução para os neuróticos ou para o psicótico: “(...) o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido (...)” (1985, p.252.). O autor também afirma:

Mas ao desconhecer o papel mediador primordial do significante, ao desconhecer que é o significante que é na realidade o elemento-guia, não só desequilibramos a compreensão original dos fenômenos neuróticos, a própria interpretação dos sonhos, mas nos tornamos absolutamente incapazes de compreender o que se passa nas psicoses (1985, p. 251).

Por meio dessas reflexões, Lacan mostrou que o significante tem um papel primordial na linguagem humana, na significação, não apenas nos

psicóticos, mas em todos os seres humanos: “É exatamente aí que o sistema peca, e justamente porque essa concepção negligencia o que o significante tem de constitutivo na significação” (1999, p.151). Poderíamos resumir esse papel constitutivo do significante no surgimento do sujeito nesta definição proposta por Lacan: “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960, p.833).

É importante frisar que Lacan não ignora a ligação do significante com o significado. Contudo, essa relação acontece em longos intervalos dentro da cadeia significante/significante, cadeia esta chamada por Lacan de unidade significante, que: “(...) supõe uma certa laçada enlaçada que situa os seus diferentes elementos”. (1985, p. 297). Esses intervalos são chamados de ponto de basta ou ponto de estofo. O autor faz uma boa explicação desta relação no Seminário supracitado. Esses pontos são importantes para amarrar os três registros, pois eles impedem que o sujeito se perca completamente do universo do significante, sendo, assim, desgarrado do que chamamos realidade. No caso do psicótico, parece haver uma desarticulação dos três eixos.

Sabemos que toda experiência humana passa pelo simbólico. São os significantes que estruturam o sujeito, sujeito este “dividido pelo efeito da linguagem” (LACAN,1985, p.178). De início, a criança é confrontada a dois significantes: o materno e o paterno. Este último vem quebrar a ilusão de unidade entre mãe e criança, sendo o primeiro ponto de estofo na constituição do sujeito, visto que o nome-do-pai impede o incesto. Em seguida, outros significantes entram na composição do sujeito. Entre esses significantes, alguns têm um poder de amarra, um poder que impede a fluidez entre significante e significado. Para explicar o poder desses significantes, Lacan cita o termo temor a Deus numa certa linha de pensamento religioso:

O temor a Deus não é um significante que está espalhado por toda parte. Foi preciso alguém para inventá-lo, e propor aos homens, como remédio para um mundo feito de terrores múltiplos (...). Substituir os inumeráveis temores pelo temor de um ser único que não tem outro meio de manifestar sua potência senão pelo que é temido atrás desses inumeráveis temores é demais. (1985, p. 302).

Esse autor conclui:

O ponto de basta é a palavra temor, com todas essas conotações trans-significativas. Em torno desse significante, tudo se irradia e tudo se organiza, como essas linhazinhas de força formadas à superfície de uma trama pelo ponto de basta. (ibid., p.303).

Se, dentro de uma cadeia de significante, um deles faz essa amarra, nos indagamos a respeito do que se passa no psicótico, visto que, dependendo do estágio desse fenômeno, este parece ausente da realidade, num eterno delírio, perdido no significante? Podemos dizer que nele pode haver um eterno deslize do significante, não havendo qualquer relação entre significante e significado? A fim de responder a essa pergunta, voltemo-nos à teoria lacaniana, quando ele diz:

Eu não sei o total, mas não é impossível que se chegue a determinar o número mínimo de pontos de ligação fundamentais entre significante e significado necessários para que um ser humano seja dito normal, e que, quando eles não estão estabelecidos, ou afrouxam, produzem o psicótico. (ibid, p.304).

A partir dessa observação, podemos inferir que a psicose não resulta da ausência de pontos de estofos, mas de alguma irregularidade nesse sistema de pontos de basta. Ainda a respeito desse assunto, ao interpretar a teoria de Lacan, Jerusalinsky diz:

Por outro lado, Lacan também fala de simbolização na psicose. O que Lacan diz é que na psicose se estabelecem os três registros: simbólico, imaginário e o real. O problema é que eles atuam dissociadamente, não se enodam, não fazem nó, não se articulam, não se cortam reciprocamente, cada um anda para o seu lado. (2011, p.91).

Se o significante é tão marcante na vida de todos os seres humanos, por que Lacan citou os psicóticos a fim de explicar o valor desse termo? A resposta pode ser obtida por meio das reflexões lacanianas que tiveram como ponto de partida a reflexão de Jakobson a respeito das afasias. No livro *Essais de linguistique générale*, Jakobson, a partir das relações sintagmáticas e associativas de Ferdinand de Saussure, apresenta a importância das relações metafóricas e metonímicas para a linguagem, usando como objeto de estudo

as afasias. Ao analisar as relações propostas por Jacobson, Lacan percebeu que a metáfora equivalia à condensação e a metonímia, ao deslocamento e empregou esses dois termos nas suas reflexões sobre a psicose.

2.3. O Homem e a linguagem

No tópico anterior, procuramos compreender o que significa dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e à qual linguagem Lacan se refere. Após essas reflexões, parece-nos oportuno buscar compreender como o vivo é chamado à subjetividade, como a metáfora paterna faz com que a célula mãe/criança seja quebrada e o vivo passe de objeto de desejo a sujeito desejante.

O sujeito da psicanálise é um sujeito amarrado por três registros: o real, o simbólico e o imaginário. Teixeira (2005) resume esses registros da seguinte maneira: “o imaginário está ligado ao nascimento do eu, o simbólico, ao registro da castração e o real à impossibilidade de formalização da linguagem”. Em outras palavras, “O Simbólico é, portanto, aquilo que nos permite agir sobre o Real, sem, contudo, chegar a dominá-lo” (MELMAN, 1992, p.22), o “Real não é nada mais do que aquilo que escapa à tomada pelo simbólico” (ibidem) e o imaginário “ (...) é a representação que vem dar sentido ao que escapa ao simbólico, ou seja, o real” (ibidem). Assim, Melman conclui que a conjunção desses três registros é algo inerente ao funcionamento da língua.

Destes três registros, daremos uma grande atenção ao simbólico, visto que ele, por está ligado ao registro da castração, representa o universo do significante e é pelo o significante que o vivo é arrancado da sua imanência e chamado à subjetividade.

Um significante sempre representa uma falta, visto que, na teoria lacaniana, um significante remete sempre a outros significantes na impossibilidade de exprimir o real. Podemos concluir, então, que o sujeito do inconsciente, na condição de efeito do significante, é marcado pela falta, pela busca de algo perdido e impossível de ser encontrado. Falta essa traduzida em angústia. A fim de explicar essa ausência, Lacan introduziu, na psicanálise, a metáfora paterna, visto que o pai: “Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é

o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição incesto” (1999, p.174).

Ainda segundo Lacan, dizemos: “A metáfora paterna, pois, concerne à função do pai, como se diria em termos de relações inter-humana” (Ibidem, p.166). Nessas relações, o pai sempre desempenhou o papel daquele que frustra a criança da posse da mãe, visto que a mãe pertence ao pai. Por essa razão, Lacan chamou o recalque primário pelo nome-do-pai. Mas, é preciso frisar que se trata de uma metáfora, a metáfora paterna. Se o nome-do-pai pai é simbólico, quem seria então esse pai? A resposta não é simples, mas podemos recorrer ao próprio Lacan, quando ele diz: “(...) é o pai como simbólico que intervém numa frustração, ato imaginário concernente a um objeto real, que é a mãe, na medida em que a criança necessita dela” (1999, p.178).

Para entender essa relação, é preciso entender que a criança pequenina é tomada enquanto objeto de desejo do Outro e, junto com sua mãe, forma um todo. A respeito desse assunto, Lacan (1999) cita a obra da psicanalista Melanie Klein a fim de mostrar como essa unidade é quebrada. Dentre as observações dessa psicanalista, Lacan destaca o que ela chama de “etapa da formação dos maus objetos, que é anterior à fase paranóide-depressiva, que está ligada ao aparecimento do corpo da mãe em sua totalidade” (1999, p.170). Segundo Melanie Klein, entre esses maus objetos presentes no corpo da mãe, destacam-se os rivais da criança como o pai e os irmãos. Com o passar do tempo, na fase paranóide-depressiva, ela percebe a mãe como um todo. Percebe também que essa mulher mantém relações com outros corpos, que ela vai e vem. Essas etapas antecedem à fala. Então, o pai vem como: “(...) um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (1999, p.180). Aqui, ainda segundo Lacan, a criança por ser um pequenino ser já tomado pelo simbólico e tendo aprendido a simbolizar, percebe as idas e as vindas da mãe.

Voltando à teoria de Jakobson, vemos que o processo metafórico consiste na substituição de um termo por outro, em Lacan, a metáfora está no inconsciente e se traduz por um significante no lugar de outro significante, formando uma cadeia significativa. Esse processo pode ser resumido por Lacan, quando ele diz: “(...) é na medida em que o pai substitui a mãe como

significante que vem a se produzir o resultado comum da metáfora” (1999, p.180). Essa metáfora faz com que a célula mãe-criança se quebre e, a partir de então, a criança passe de objeto do desejo materno para a condição de sujeito desejante. Como na fase do recalque a criancinha já está aprendendo a simbolizar, ela começa a sentir a falta produzida por esta substituição. A partir daí, começa a constante busca que marca todos os seres humanos, a inútil busca de completude.

É preciso frisar que as imagens sempre estão presentes no que chamamos de real. Quanto à interdição e ao medo da castração, o Édipo encontra a solução terminal no recalque amnésico. Sendo assim, a metáfora paterna fica recalçada, como afirma Lacan:

Para que haja alguma coisa que faz com que a lei seja fundada no pai, é preciso haver o assassinato do pai. As duas coisas estão estreitamente ligadas- o pai como aquele que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai. O pai morto é o Nome-do-Pai, que se constrói aí sobre o conteúdo”. (1999, p.152)

Se as imagens atormentam tanto as pessoas, sobretudo, segundo Lacan (1999), o perverso e o neurótico (aqui Lacan preferiu o imaginário à fantasia), parece-nos que o nome do pai é uma tragédia na vida das pessoas. Contudo, o complexo de Édipo: “(...) não é unicamente uma catástrofe, uma vez que é a base de nossa relação com a cultura, como se costuma dizer.” (1999, p.180). Ele é ao mesmo tempo ausência e presença. Afinal, ele produz no ser humano um buraco que nunca será preenchido, mas, por outro lado, abre espaço para o desejo.

Considerando que é preciso entender a metáfora paterna, é necessário conhecer a sua importância para o sujeito. Tendo ocorrido a substituição de significantes já citada e a perda do objeto materno, a metáfora paterna, agora recalçada, representa uma falta que doravante será a responsável pelo desejo, pela inútil busca de completude, pois “O sujeito não satisfaz apenas um desejo, mas goza por desejar, e essa é a dimensão essencial do seu gozo” (LACAN, 1999, p.325). Esses significantes pertencem ao inconsciente e não podemos esquecer que:

“(...) as significações elementares que chamamos de desejo, ou sentimento, ou afetividade, essas flutuações, essas sombras, e mesmo essas ressonâncias, têm uma certa dinâmica que não se explica senão no plano do significante na medida em que ele é estruturante”. (LACAN, 1985, p.295).

Tendo em vista que o significante é da ordem do inconsciente, então o sujeito do inconsciente e sujeito à linguagem, pois: “[...] a ordem do simbólico não pode mais ser concebida como constituída pelo homem, mas como o constituindo (LACAN, 1978, p.226). Afinal, “é a linguagem, pois, que introduz vazio no real, a perda, a divisão (...)” (DE LEMOS, 2007, p.3).

Sendo o Nome-do-Pai um significante essencial no interior do Outro, o desejo do sujeito para psicanálise está alienado a esse grande Outro, pois este é o lugar do desejo, como diz Lacan: “ora, é da natureza do desejo como tal necessitar do apoio do Outro. O desejo do Outro não é uma via de acesso para o desejo do sujeito, é o lugar puro e simples do desejo. (1999, p.415). Vale destacar que esse grande Outro não representado como uma pessoa, mas como o tesouro do significante, a sede da lei, como Lacan nos explica:

“O desejo cruza a linha do significante e, no nível de seu cruzamento como a linha significante, encontra o quê? Encontra o Outro (...) Ele encontra o outro, disse-lhes eu, não como uma pessoa, mas o encontra como o tesouro do significante, como sede do código”. (1999,p.154).

Ainda para reforçar essa idéia, recorramos à relação entre o sujeito e o Outro proposta por Lacan:

O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse-é do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão. (1985, p.193).

Nesse processo de alienação, como explica Lacan, a relação do sujeito com o Outro se dá num processo de hiância, pois o sujeito é efeito do significante “o significante está primeiro no campo do Outro” (1985, p.195). Como o Outro carrega no interior o Nome-do-pai, o que ele pode oferecer ao sujeito é a falta o desejo, pois “Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro,

na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso” (Ibidem, p.203). O desejo aqui definido como uma busca que não aponta para um objeto específico, pois “ O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os porquês” (Idem).

No Seminário 11, Lacan explica bem a noção de alienação mostrando que, entre o ser (sujeito) e o sentido (o Outro) existe o não-senso. Nessa relação, o ser, o sujeito desaparece e o sentido nos escapa. Ainda no seminário supracitado, autor acrescenta que a alienação condena o sujeito a aparecer como sentido produzido pelo significante, de um lado e, do outro, como afânise, ou seja, o desaparecimento.

2.4. Língua materna

Para falarmos de língua materna e de língua estrangeira, é preciso refletir acerca dessas duas terminologias. Materna, a princípio, lembra mãe, língua nacional e estrangeira, instrumento, algo memorizado. No entanto, não é tão simples explicar a noção de língua materna, visto que nem todas as crianças nascem num país onde a língua social é a língua materna dos seus pais, como os filhos dos imigrantes, sem contar os países onde existe o bilinguismo. A respeito desse assunto, Jerusalinsky reflete que:

Se viermos a considerar “língua materna” aquela se situa na origem da incorporação da criança com a língua, como poderíamos, em tal quadro de coisas, ter certeza de que ela se identifica com o idioma que a mãe fala, ou ainda que seus pais falam? Poderíamos ter certeza, diante desta imersão da criança num universo que se apresenta de modo imediato como poliglota, da prevalência idiomática familiar ou, ainda, do grupo, país ou povo de que se trate? (2008, p.77)

No mesmo texto, esse autor sinaliza também que, aos seis meses, já reconhecemos a língua através da qual, habitualmente, somos falados e pela qual os outros nos dirigem a palavra, mesmo que seja de uma forma desarticulada:

(...) esses morfemas no seu conjunto (e seguramente não um a um) têm uma elementar função semântica: a de permitir uma significação tal que o pequeno filhote de humano se reconheça

representado nesse conjunto verbal ainda que sem saber qual é o ponto, o fragmento particular que disse tudo o nomeia, nem, é claro, das conseqüências desse nome. (2008, p.86).

Ainda sobre esse assunto o autor acrescenta, acerca das crianças expostas a mais de uma língua: “Observamos, também, que essa diversidade linguística não tem causado, de modo geral e até o momento, perturbações impeditivas da entrada das crianças como sujeitos da linguagem” (Ibidem, p.77). Diante dessa reflexão de Jerusalinsky, nossa reflexão continua: o que é a língua materna para um falante? Seria a língua da mãe ou a língua do ambiente na qual a criança está inserida após o nascimento?

Essa questão também foi inquietação de Melmam:

Durante muito tempo me perguntei o que era uma língua materna, uma vez que somos frequentemente capazes de falar várias línguas diferentes e por vezes uma língua estrangeira com uma maior facilidade. Poderíamos pensar que a diferença é da ordem afetiva e que a língua materna veicula a lembrança daquela que nos introduziu na fala. Existe, em todo caso, uma diferença maior da ordem neurológica, pois sabemos que em caso de afasia a língua materna é a última a ser destruída. (1992, p.31)

Ao sabermos que, num caso de afasia, a língua materna é a última a ser destruída, percebemos a sua estreita relação com o sujeito e podemos recorrer a Revuz quando diz que: “muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional” (2006, p.217). Nesse mesmo texto, a autora opta por chamar a língua materna de língua fundadora. Essa noção de língua fundadora permite-nos entender por que, como afirma Melman, num caso de afasia, a última materna é a última a ser destruída.

Entender que existe uma língua fundadora ajuda-nos a compreender a nossa dependência à língua materna. Mas, precisamos de uma definição dessa língua e, mais uma vez recorreremos a Melmam, para quem, a língua materna é aquela: “na qual, para aquele que fala, a mãe foi interditada” (1992, p.32). Isso quer dizer que a língua materna se organiza em torno desse interdito, por isso chamada de língua do desejo. Essa concepção remonta à teoria lacaniana, segundo a qual, quando o significante paterno se sobrepõe ao significante materno, a criança, marcada perda do que Lacan denomina objeto A, começa o seu processo de alienação à linguagem. Sendo assim, a língua materna é a língua do desejo do impossível, pois, “a língua materna é aquela na

qual, graças ao jogo do significante, se entretém e se dá a escutar o desejo daquilo que é impossível.” (MELMAN, 1992, p.33)

Dizer que a língua materna é a língua na qual, para quem fala, a mãe está interdita nos remete ao recalque primário, processo pelo qual o vivo é arrancado da sua imanência e aprisionado ao significante. Essa é a razão pela qual Milner (1987) diz que essa língua que nos introduziu na linguagem é uma experiência inaugural e definitiva.

No texto supracitado, Melman diz que a língua materna é “esta língua cuja sabedoria teceu nosso inconsciente” (1992, p.45). Assim, considerando que o sujeito do inconsciente é marcado pela falta, entendemos por que a língua materna é a língua do desejo, dessa mãe simbólica da qual a criança foi privada. Uma noção que torna mais clara essa noção de língua do desejo é a noção de *lalangue*, proposta por Lacan “aquilo pelo qual, de um único e mesmo movimento, existe língua (ou seres qualificáveis de falantes, o que dá no mesmo) e existe inconsciente (MILNER, 1987, p.18).

Ainda sobre essa relação *langue/lalangue*, Milner completa: “(...) falar de língua e de partição é colocar que tudo não se pode dizer. Em outros termos, o puro conceito de língua é aquele de um não-todo marcando a *lalangue*, ou a língua é o que suporta a *alíngua* enquanto ela é não-toda.” (ibidem, p. 19).

Essa definição de *lalangue* incita-nos a repensar constantemente a língua materna, pois, à medida que a língua externa sustenta a *lalangue*, ela é afetada pelo desejo, visto que *lalangue* é da ordem do inconsciente, que é o lugar da falta. Assim, “*Alíngua* é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco” (MILNER, 1987, p. 15), ou seja, à falta, à incompletude. Voltando para a questão da língua materna, no mesmo texto, Milner, a partir de Lacan, diz que a configuração mais direta da *lalangue* é a língua materna (1987, p.15). Isso nos implica a dizer que, se por um lado essa língua é afetada pelo desejo, por outro, ela produz traços no inconsciente, visto que, como já discuto, essa foi a língua que o teceu.

Dando continuidade à nossa reflexão, evoquemos a observação de Revuz (2006) sobre o laço específico que cada falante mantém com sua língua materna. Segundo essa autora, “o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua” (REVUZ, 2006, p. 215). Ainda de acordo com Revuz (ibidem), o

confronto gerado tem um peso sobre a diversidade de estratégias de aprendizagem ou não-aprendizagem da língua estrangeira. Diante disso, essa observação sobre o laço torna-se indispensável ao estudo de aquisição de língua estrangeira, mesmo que ainda não existam muitos trabalhos sobre esse assunto e que a definição desse laço ainda não esteja bem formulada. Mas, embora não exista uma definição desse laço, podemos tentar entender em que ele consiste.

Para começar, lembremo-nos que De Lemos (2007) apresenta-nos a língua como captura de um ser diante do desejo do Outro, que é, por sua vez, o tesouro dos significantes. A autora ainda fala, apoiada na teoria lacaniana, da violência dos “mecanismos do significante” pelos quais o vivente é capturado e permanece aprisionado, assim como “arrancado de sua imanência vital” (Ibidem, p.3). Essa observação de De Lemos pode ser reforçada pelas palavras de Melman (1992) quando ele diz que pagamos um preço pela língua materna, o preço da interdição. Voltando para a teoria lacaniana, segundo a qual o inconsciente é estruturado a partir da metáfora paterna, ou seja, da interdição, arriscamos dizer que esse laço tem seu ponto de amarra no momento da queda do objeto A, pois marca a chamada do vivo à subjetividade, o preço que pagamos para nos tornamos o que Lacan chama de parlêtre. A partir de então, o sentimento de completude nutrido entre mãe e bebê cede lugar ao desejo, à angústia e, embora essa seja uma experiência comum ao homem, acreditamos que o preço pago por ela tem pesos singulares em cada parlêtre. Como esse preço, essa interdição, marca o início da subjetividade, toda relação com a língua materna, com o saber que ela possibilita, estará sempre amarrada por ele, visto que a língua materna é a língua do desejo, tecida a partir de uma falta, de uma privação.

Acreditamos, por ser a língua materna tecida a partir de um interdito, que esse laço é amarrado no período da interdição e que o contato do corpo com os significantes o reforçam por toda vida, o que assegura uma experiência particular entre o falante e sua língua materna, principalmente na entrada da criança na linguagem, época na qual a criança tenta dizer algo do seu desejo, começa a estabelecer compromissos com os outros:

Por sua vez, aprender a falar é, para a criança, estabelecer um compromisso, é encontrar alguma coisa para dizer de seu próprio desejo, alguma coisa dos valores que adquiriram para ela os objetos e as palavras, em uma linguagem tecida a partir do desejo do Outro.

(REVUZ, 2006, p.219)

E por falar de valor atribuído pelo ambiente, lembremo-nos que as palavras que o bebê diz e pelas quais ele é falado são portadoras de um desejo, desejo destes que dirigem essas palavras à criança, principalmente os pais, pois

Os pais colocam à disposição da criança uma ferramenta, a linguagem, mas embora essa ferramenta sirva para sua necessidade de troca, ela tende também a alienar a criança, na medida em que é afetada pelo desejo dos pais (HANAD, 2004, p. 92, tradução nossa).

Dizer que a linguagem é afetada pelo desejo dos pais significa dizer que a língua materna é um recorte carregado de carga afetiva. Sendo os pais alienados ao Outro, que é o tesouro dos significantes, o homem é “falado pelo Outro, destinado pelo Outro a cumprir seu desejo” (DE LEMOS, 2007, p.2). Dessa forma, assim que a criança nasce, são palavras e fonemas que acompanharam os contatos sentidos pelo seu corpo, pois: “as palavras com as quais nós pensamos foram, no início, palavras e grupos de palavras que acompanharam imagens do corpo em contato com o corpo em contato com o corpo de outrem (DOLTO, 1984, p.150, nossa tradução).

2.5. A criança e a língua materna: a errância do significante

Conhecer a dependência do parlêtre à sua língua fundadora é um passo essencial para qualquer estudo voltado para aquisição de línguas estrangeiras. Dizer que o vivo é chamado à subjetividade é fundamental para compreendermos os pressupostos lacanianos que definem o sujeito como efeito do significante. Para reforçar esse pensamento, vamos conhecer um pouco do processo vivido pelo bebê até se tornar sujeito à linguagem. O objetivo maior desse tópico é mostrar que a criança não entra na linguagem de uma maneira simples.

Para Christine Revuz (2006), a aprendizagem de línguas nos confronta a um paradoxo. Se falarmos de aprendizagem, como é que um bebê tão frágil aprende a falar em um tempo recorde ao passo que um adulto, já autônomo, dotado de saberes e instrumentos intelectuais, encontra dificuldade em repetir essa proeza. Ainda de acordo com Revuz (ibidem), a facilidade com a qual a criança aprende a língua materna leva certos professores a criarem métodos que tentam aproximar a aprendizagem da língua estrangeira às condições de aprendizagem da primeira língua. Para eles, aprender uma nova língua pode ser simples e divertido, pois basta falar, visto que a criança aprende sem professor. No entanto, como essa autora (ibidem) conclui que nenhum método propôs a volta à fase láctea ou preconizou o afrouxamento dos esfíncteres a fim que o estudante aprendesse a língua estrangeira como o bebê aprendeu a materna. A partir dessa observação, podemos inferir que tais pessoas desconhecem todo processo vivido pelo infans até se tornar sujeito da linguagem.

Revuz afirma ainda que a língua materna, chamada por ela de língua fundadora, pois é o material fundador do nosso psiquismo, “é tão presente na vida do falante, que, muitas vezes, temos a impressão de nunca tê-la aprendido” (2006, p.215). Contudo, não nascemos sujeitos à linguagem. Como já visto, somos capturados por ela.

Para uma criança, falar é mais do que escutar, repetir e aprender a língua do meio na qual está inserida. A respeito desse assunto, Cláudia de Lemos, em *Da angústia na infância* (2007), apresenta-nos a aquisição da linguagem como captura, captura de um ser repleto de angústia diante do desejo do Outro. Ser que encontra na língua – corpo cheio de falhas, condenado, pela *lalangue*, ao equívoco - significação e vazio: “É a linguagem, pois, que introduz vazio no real, a perda, a divisão (...)” (Ibidem, p.3). Assim, se nos filiarms a essa noção de entrada na linguagem como um processo de captura, temos que recorrer à psicanálise, ou seja, ao sujeito do inconsciente.

Com o recalque primário, a criança perde o sentimento de unidade, nutrido entre mãe e filho, e passa a ser sujeito desejante, alienando-se gradativamente ao desejo do Outro. A partir daí, ele vai entrando no universo da linguagem. A respeito disso, Jerusalinsky sinaliza que, de início, o pequeno ser é captado pelo mundo que o cerca por meio do seu olhar, sendo esse olhar

a primeira forma do shifter. Em seguida, o ouvido da pequena criança é atraído pela melodia da voz da mãe, pois:

Reconhece-se, hoje em dia, a importância da particular entoação da voz com que as mães costumam se dirigir a seu bebê. Nós mesmos temos referido essa musicalização particular como uma segunda forma de shifter, situando a primeira no nível do olhar. (2008, p.80)

Esse autor (ibidem) completa que a voz da mãe transpõe para ordem da letra o que até então estava no olhar. A partir desse momento, a criança submete-se ao significante e a voz, pois: "(...) a prosódia sustenta no campo do significante o que no campo do objeto se perdeu" (ibidem, p. 80).

Sendo a criança capturada pela prosódia da mãe e dos que a cercam, é normal que ela comece a expressar seus desejos e seus sentimentos por meio da língua na qual ela está mergulhada. Assim, Jerusalinsky (ibidem) sublinha que, aos seis meses, o ouvido da criança já conhece a língua na qual lhe dirigem a palavra. Isso indica que, além de fonemas, o bebê já percebe outras particularidades da língua embora de forma descontínua. Com o passar do tempo, essa percepção se torna cada vez mais aguçada e a criança começa a pronunciar pequenas sílabas e, pouco depois, emite palavras e frases. Tudo de um modo diferente do adulto.

Sem professor, a criança aprende a falar dentro de um processo que parece simples. É como se ela fosse capturada pela linguagem verbal sem qualquer resistência à língua. O que as pessoas esquecem é que o significante em contato com o corpo da criança produz mudanças impossíveis de ser explicada por via da linguística tradicional ou da psicologia. De Lemos (2007), em Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento da linguagem, destaca alguns fenômenos particulares da fala infantil e os explica sob um ponto de vista psicanalítico. De início, ela se volta para as primeiras palavras da criança e cita o exemplo de uma menina que mostra uma revista para a mãe e diz au-au. A mãe, por sua vez, vendo que não há cachorro algum, tenta explicar ao bebê que não há cachorro na revista. Isso vem mostrar que não existe correspondência entre a fala da mãe e a da criança, como sinaliza de Lemos, seria impossível atribuir a esse "au-au" o estatuto de substantivo, pois: "não há referência interna que nos permita afirmar que, ao dizer au-au, a criança

fornece evidência empírica sobre seu conhecimento de que “au-au” seja um substantivo e não um verbo (2007, p.22). Isso vem confrontar a noção de gramática internalizada proposta por Chomsky. Ainda sobre esse episódio, De Lemos acrescenta que “Na revista, não há nem bebês, nem cachorros, o que significa que as palavras da criança não têm como referentes bebês ou cachorros, mas são, de fato, uma re-instanciação de eventos prévios de leitura de histórias” (Ibidem, p.28).

Ainda em relação à interpretação da fala infantil, vamos a um segundo exemplo mencionado por De Lemos (ibid.):

V: Quase que você não fez a amarelinha.
 T: O que, Verrô?
 V: Faz tempo que você não fez a amarelinha sua.
 T: O que, Verrô? Eu não entendi.
 V: Está faltando quadro na amarelinha sua.

(2007, p.31)

Esse diálogo exemplifica um momento no qual a criança dirige a fala a um adulto, que não consegue, muitas vezes, entender o que ela diz e pede-lhe explicações. A criança, por sua vez, mesmo sem estar completamente submetida à língua, sem ter sido completamente capturada pela estrutura, enfatiza as palavras por meio da prosódia na tentativa de se fazer compreender. Esse processo produz mudanças de posição da criança em relação à língua, pois ela percebe que sua voz não é vazia e que existe um compromisso entre os falantes, pois o seu enunciado afeta esse outro. Nessa etapa, mas que uma correção vinda do exterior, a criança é confrontada à sua própria fala e a fala do outro, o que sinaliza um sujeito dividido na linguagem.

Ao tentar explicar algo a alguém, a criança confronta-se com a alteridade. Assim, ela percebe que seus enunciados não pertencem apenas a ela, pois a língua é sistema dotado de regras. Numa certa etapa, a criança já percebe o que é aceito na sua língua, mesmo que seus enunciados não estejam nas normas esperadas pelos adultos. É importante frisar que o que as pessoas chamam de erro na linguagem infantil é um processo que vem

“sinalizando tanto a errância do significante quanto a erro no sentido do que falha, do que escapa à captura” (DE LEMOS, 2007, p.5).

Todo esse processo vivido pela criança demonstra que a língua materna é mais que um objeto de conhecimento. Afinal, Christine Revuz (2006) destaca que, mesmo antes de nascer, já somos capturados pela linguagem, esse corpo simbólico que recorta o real. Ainda bem pequena, a criança é atraída pelas palavras de carinho, pela voz dos parentes. Pelas palavras dos que a cercam, ela é falada e atribuída de valores, pois as palavras que trazem significado ao nosso mundo designam um conceito, no sentido saussuriano, conceito já marcado pelo valor que lhe é atribuído pela sociedade. Para a criança, falar será “Estabelecer um compromisso, é encontrar alguma coisa para dizer de seu próprio desejo, alguma coisa dos valores que adquiriram para ela os objetos e as palavras, em uma linguagem tecida a partir do desejo do Outro (...)” (REVUZ, 2006, p.219), desejo ao qual os pais e os que cercam a criança estão alienados.

Após essa pequena descrição do processo de entrada na língua materna, percebemos claramente que a língua não é um instrumento do qual a criança se apropria pouco a pouco até se torna um falante nativo. Percebemos também que não nascemos com uma gramática internalizada, pois a nossa entrada na língua é um processo de captura. Considerando que esse processo de captura é doloroso, torna-se mais fácil compreender o nosso laço com a língua fundadora.

2.6. O encontro com a língua dita estrangeira: entre a captura e a resistência

Charles Melman fala de uma distinção entre língua materna, a língua que se sabe, e língua estrangeira, a língua que se conhece: “conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece.” (2006, p.15). O autor completa que: “Saber uma língua é muito diferente de conhecê-la. Saber uma língua quer dizer ser

falado por ela, que o que ela fala em você se enuncia por sua boca como destacado a título de “eu”. (Ibidem). A partir dessa distinção, podemos pensar que língua materna, como diz Melman, é a língua que teceu nosso inconsciente, visto que somos falados por ela, enquanto a língua estrangeira aparece como resultado de estudos, de técnica, pois, para traduzir mentalmente, é preciso estabelecer relações entre as duas línguas.

Por falar de língua estrangeira e língua materna, evoquemos a observação de Melman já citada no capítulo anterior. O autor concebe a língua materna como uma experiência inaugural e definitiva na vida do ser humano. Quanto a esse assunto, Revuz comenta que: “Essa língua chamada “materna” pode não ser a da mãe, a língua “estrangeira” pode ser familiar, mas elas não serão jamais da mesma ordem” (REVUZ, 2006, P. 215).

Sabemos que a língua dita materna foi a língua que nos introduziu na linguagem, a língua do desejo, a língua na qual, “(...) graças ao jogo do significante, se entretém e se dá a escutar o desejo daquilo que é impossível” (MELMAN, 1992, p.33). Assim, essa foi a língua que teceu nosso inconsciente, lembrando mais uma vez que o sujeito do inconsciente é o sujeito desejante. Quanto à língua estrangeira, muitos métodos a concebem como um acessório. Contudo, parece-nos interessante nos questionar sobre o papel dessa língua na vida relacional de quem a fala. Sendo resultado do conhecimento, a língua estrangeira permanece um objeto de estudo ou seus significantes têm algum efeito no sujeito, pois, por meio dela, entramos em contato com novos significantes? Se muitos métodos a concebem como objeto de conhecimento, por que ela representa para o eu o medo de despersonificação como Melman (1992) assinala?

Por diversos motivos, várias pessoas buscam aprender alguma língua estrangeira, mas nem todas elas conseguem êxito nos seus estudos. Sobre esse assunto, Revuz diz que: “não são muitas as pessoas que alcançam um bom conhecimento de uma ou várias línguas estrangeiras (...)” (2006, p. 213). Esse conhecimento ao qual a autora se refere significa o que chamamos de fluência, ou seja, a capacidade de ler na língua estrangeira, de compreender o áudio de um filme ou de conversar de forma precisa, mesmo com um nativo da língua estudada.

A propósito desse assunto, Coracini (2006) comenta os porquês que levam as pessoas a estudar uma língua estrangeira. Entre eles, a autora destaca o ser diferente dos outros, no caso do Brasil, buscar as raízes européias, esperança de vagas no mercado de trabalho. No que concerne à língua francesa, a autora destaca enunciados do tipo “adoro a língua francesa”, “adoro a musicalidade do francês” ou “eu adoro o francês porque ele é muito bonito e agradável”. Para explicar todos esses enunciados, Coracini menciona a atração exercida pelo outro:

(...) Enunciados que apontam para o desejo do outro, para a atração exercida pelo outro, e ao mesmo tempo para o peso, por vezes, pesado demais, da língua materna que nos pertence, mas que nos escapa, que nos é ao mesmo tempo familiar e estrangeira (estranha) (2007, p.155).

Sabemos, enquanto professores, que vários são os porquês de estudar uma língua francesa. No entanto, poucos são aqueles que conseguem atingir o que chamamos de fluência. Mesmo aqueles que afirmam adorar a língua estrangeira, nem sempre, conseguem entrar na língua estudada. A propósito desse assunto, Revuz comenta: “Afirmar que o desejo de aprender é o verdadeiro motor da aprendizagem é forçar uma porta aberta. Muito frequentemente, contudo, chega-se a essa porta, mas ela não é transposta (...)” (2006, p.216). Diante dessa constatação, seria importante insistir nesta questão: se existe o desejo de aprender uma língua estrangeira, se existe investimento nessa língua, por que tantas pessoas têm dificuldades de aprender uma língua estrangeira? A resposta parece complexa, mas vamos tentar buscar possíveis respostas a tal questão.

De Lemos, em *Da Angústia na infância* (2007), faz uma crítica à visão de língua como objeto de conhecimento. Essa visão serviu de base a diversas teorias e, ainda hoje, é muito disseminada nos cursos de língua estrangeira, basta observar as publicidades, que prometem fluência em poucos anos ou o Quadro comum de referência europeu (*Cadre européen commun*), que estabelece níveis indo do A1 ao C2. Dessa forma, o estudante é rotulado segundo a sua capacidade de usar a língua. No entanto, aprender uma língua vai além dos métodos, pois língua é, acima de tudo, captura, captura de um ser diante do desejo do Outro. O que difere a captura pela língua estrangeira é o

fato dessa língua tentar capturar um sujeito, e não um simples vivo, como o faz a língua dita materna. Dessa forma, o encontro com a língua estrangeira será sempre mediado pela relação sujeito/língua materna/lalangue.

Nesse pensamento, de acordo com Revuz, falar uma língua estrangeira requer do aprendiz uma grande flexibilidade, pois esta prática “mobiliza, em uma interação necessária, dimensões da pessoa que geralmente não colaboram, nem mesmo convivem em harmonia” (2006, p.217). Em outras palavras, essa prática mexe com o psíquico, com o modo de se relacionar com os outros e com o físico, a exemplo do aparelho fonador. Talvez, por isso, Revuz (Ibidem) afirme que tal exercício requer que o aprendiz se coloque na posição de “Infans”, aquele que não sabe nada. No entanto, no mesmo texto, a autora diz que: “Nenhum método, por mais arrojado que seja, propôs ainda aos aprendizes retornar a uma alimentação exclusivamente láctea ou a renunciar provisoriamente ao controle dos esfíncteres para facilitar a assimilação da língua” (p.217). Assim, ela faz uma crítica aos métodos que pregam simplicidade do processo de aquisição de uma língua estrangeira, inspirados na aquisição da língua materna por uma criança.

Quanto ao aluno de língua estrangeira, ao chegar a uma escola de língua estrangeira, já traz consigo uma história com a língua materna e “toda tentativa de tentar aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua” (REVUZ, 2006,p.17). No mesmo texto a autora comenta que o encontro com a língua dita estrangeira estilhaça a nossa ilusão de ponto de vista único, de uma tradução para tudo, de completude da nossa língua. Por tudo que esse encontro acarreta, a aprendizagem da língua estrangeira se traduz em um confronto. Afinal,

O encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com a nossa língua. Esse confronto entre primeira e segunda língua nunca é anódino para o sujeito e para a diversidade de estratégias de aprendizagem (ou de não aprendizagem) de uma segunda língua. (2006, p.215).

Se o encontro com a língua estrangeira toca o laço que específico que mantemos com a nossa língua, ele mexe com o simbólico, ou seja, de alguma

forma, com sujeito do inconsciente, com o nosso lugar na linguagem. Nesse pensamento, Melman (1992) comenta que:

É justamente por isto que falar uma língua estrangeira implica em uma verdadeira despersonalização, pois se se quer ser leal diante da língua de adaptação e evitar a mania é necessário não somente se dar outra mãe, mas também um outro pai. Isto nos introduz nas categorias do real e do simbólico. (p.34).

Talvez esse medo de despersonalização explique por que, enquanto para alguns a experiência é atrativa, para outros é marcada pelo medo, pois “Nem todo mundo está pronto para essa experiência. Ela representa para alguns aprendizes um perigo que eles evitam” (REVUZ, 2006, p.225).

Se os inúmeros métodos de ensino de língua estrangeira associados ao desejo de aprender não garantem a aprendizagem, podemos perceber a presença de outros elementos como as incidências da língua materna. Revuz, no texto já mencionado inúmeras vezes nesse trabalho, fala do medo do novo, do medo do que pode acarretar a experiência com a língua dita estrangeira. Segundo a autora, muitas pessoas criam estratégias, ainda que inconscientes para evitar essa experiência, tais como reduzir a aquisição ao estudo da gramática ou memorizar termos os frases de forma desordenada. Assim ela comenta:

Tudo se passa como se a tomada de distância em relação à língua materna, que resulta de falar corretamente uma língua estrangeira, fosse impossível. Esse impossível não tem a mesma fonte, nem a mesma significação para cada pessoa, mas, parece-me, está sempre ligado à ruptura e ao exílio. (2006, p.226).

Sendo esse impossível ligado ao exílio, a língua estrangeira parece representar uma despersonalização do eu, da identidade construída, mesmo que “nada na língua assegura a minha identidade. O sujeito com o qual lidamos está sempre em exílio. (MELMAN, 1992, p. 37).

Dizer que o encontro com a língua estrangeira mexe com o nosso sentimento de identidade, significa dizer que o outro representado nessa língua vem trazer mudanças ao nosso modo de viver, ao nosso eu. Afinal, essa língua vem (...) colocar em questão o meu modo de ser, de me posicionar

(CORACINI, 2007, p.153). Saber uma língua é: aceitar o estrangeiro aceitando o estranho que nos habita.

Uma língua estrangeira, que parece atração para muitos e medo para outras, não se apresenta como um todo, mas como “conjunto de fragmentos estranhos” (CORACINI, 2006, p.153). Fragmentos estes que “desarranjam, confundem, confundem e deslocam as águas aparentemente tranquilas e repousantes da primeira língua e ou de nossa cultura local (Ibid, p.152). Sendo assim, Coracini comenta que essa língua mexe, de alguma forma, com o sujeito, mesmo que seja aprendida com um fim prático, pois:

A língua chamada estrangeira tem uma função formadora, atuando diretamente na imagem de nós mesmos e dos outros, na constituição identitária do sujeito do inconsciente. “Ainda que seja aprendida com um fim meramente utilitarista, ela traz sempre consigo conseqüências profundas e indeléveis para a constituição do sujeito. (ibid. p.152).

Por fim, diante do que foi exposto nesse texto, podemos concluir que uma língua dita estrangeira é mais que um conjunto de regras, mais que uma lógica da qual nos apoderamos por meio de estudo, pois, segundo Milner (1987) toda língua é uma configuração da lalangue e consagrada, por ela, ao equívoco. Podemos dizer, também, que toda língua está no mesmo campo, o campo simbólico. Embora muitas pessoas queiram separar as línguas e dizer que possuem uma segunda ou uma terceira língua, não há língua pura em nenhum aspecto, pois “É sempre possível perceber em uma língua o eco de outra” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.85). Nesse fragmento, o autor fala de língua enquanto língua externa, a exemplo do português. Milner, por sua vez, diz que, no sujeito, a lalangue “(...) impede por incomensurabilidade a construção de uma classe de línguas que a inclui” (1987, p.15). Assim, no sujeito, não existe essa classificação de línguas tão difundida em cursos de línguas estrangeiras. Ao invés dessa separação, a língua estrangeira, como assinala Coracini (2007), surge como fragmentos estranhos e, tomamos a liberdade de dizer, tais fragmentos entram em confronto com os fragmentos da língua materna, como também com os fragmentos de outra língua com a qual o parlêtre já tenha entrado em contato, produzindo assim, ainda de acordo Coracini (Ibidem), rearranjos subjetivos. Dizemos fragmentos apoiados em Milner, quando diz

que toda língua é incompleta e consagrada ao equivoco, e em Saussure quando diz que ninguém tem acesso à totalidade da língua.

Em suma, toda processo de entrada na língua é uma processo de captura e esse processo não acontece de forma simples. Mesmo que, muitas vezes, a razão e a força de vontade estejam favoráveis ao aprendizado da nova língua, a instabilidade provocada por ela no sujeito do inconsciente pode despertar medos e reservas em relação a essa língua e ao outro que ela representa.

Segundo a psicanálise, falar uma língua é ser falado por ela. Embora a experiência com a língua materna seja uma experiência inaugural no vivo chamado à subjetividade, consideramos que uma língua dita estrangeira também representa uma experiência marcante para o falante, pois, de alguma forma, ela toca o sujeito, aqui definido como sujeito do inconsciente e, conseqüentemente, com o eu. Se o processo pelo qual o vivo foi chamado à subjetividade é algo doloroso, a experiência com a língua estrangeira também causar dor, por mexer com o simbólico e o real. Poderíamos resumir essa experiência por meio das palavras de Coracini, que, a partir de Melman, diz:

Saber uma língua estrangeira é outra coisa do que apenas conhecê-la: é claro que precisamos começar por algum lugar e esse lugar é necessariamente lingüístico. Saber uma língua é ser falado por ela (MELMAN 1992, p.18), isto é, permitir ao inconsciente encontrar fissuras por onde possa escapar, na medida do possível, significando ao se significar, transformando-se ao se transformar. (2007, p.158).

Caminhos Metodológicos

3.1. Considerações metodológicas

Propomos, neste trabalho, investigar efeitos do laço específico com a língua materna no processo de aquisição da língua francesa. Partindo da observação de Revuz (2006), segundo a qual o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência algo de muito específico que mantemos com nossa língua e isso é refletido nas estratégias de aprendizagem ou de não-aprendizagem, buscaremos conhecer efeitos desse laço enquanto resistência ao processo de captura que a língua estrangeira representa. Para tanto, recorreremos à noção de sujeito do inconsciente proposta pela psicanálise.

Quanto à adoção do gênero entrevista, mais especificamente, entrevista semi-estruturada, a escolha se deu pelo fato de esse gênero possibilitar, tanto ao entrevistado quanto ao entrevistador, uma maior liberdade de expressão. Isso, para nós, torna-se importante, pois, quando a pessoa fala, ela deixa transparecer o seu imaginário e uma escuta atenta das palavras que alguém diz pode revelar o peso de certos significantes na vida relacional dessa pessoa. Além disso, considerando que somos atravessados pelo inconsciente, a fala revela sempre um aquém do que foi dito, pois o inconsciente se manifesta nas brechas do discurso normal. Afinal “não há um discurso próprio do inconsciente; é na fala normal que ele insiste” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 127, apud. TEIXEIRA, 2005, p.150). E, nessa fala “normal”, esses desvios, “ se apresentam sob a forma de lapsos, falsa leitura, falsa audição, esquecimento, descumprimento de uma intenção, incapacidade de encontrar um objeto, perda, certos erros “(KAUFMANN, 1996, p. 55)

Dessa forma, estaremos atentos tanto às palavras aparentemente conscientes, pois cremos que as palavras presentes no discurso do eu são carregadas de carga afetiva, quanto à insistência do inconsciente, manifestada nas falhas. Sendo assim, cada falha, cada aspa, cada hesitação deve ser considerada a fim de análise, considerando que:

A palavra- supostamente capaz de carregar em si uma intenção consciente que possibilita a comunicação efetiva-

freqüentemente “erra o alvo”, tropeçando, falhando, de modo a quebrar a continuidade lógica do pensamento e dos comportamentos da vida cotidiana (TEIXEIRA, 2005, p. 150)

3.2. Sujeitos

O corpus escolhido é composto por sete pessoas, cuja faixa etária varia de 18 a 64. No momento da entrevista, cinco delas estavam matriculadas no nível avançado e duas no nível intermediário dois. Todos são alunos de um centro de línguas estrangeiras da região metropolitana do Recife.

Para escolha desses participantes, primeiramente, aplicamos um questionário comportando duas perguntas relacionadas à experiência do estudante com a língua francesa: “Há quanto você estuda o francês” e “Você considera a língua francesa fácil ou difícil, se difícil, por quê? Para a aplicação desse questionário, dirigimo-nos a um grupo de intermediário dois e a um grupo de avançado um. Nesses dois grupos, conseguimos contar com a participação de 27 alunos. Quanto a essas duas perguntas, elas eram o ponto de partida para o nosso trabalho, pois procurávamos alunos que estudassem francês há um certo tempo e que dissessem apresentar grandes dificuldades de aprendizado dessa língua.

A partir das respostas às questões, das 27 pessoas que responderam ao questionário, escolhemos 18 participantes para participar de uma entrevista semi-estruturada. Nessa etapa, o critério de seleção, foi, como já dito anteriormente, apresentar extremas dificuldades de aprender a língua francesa, mesmo estando num nível que os cursos chamam de avançado. Desses 18 participantes, doze aceitaram, de bom grado, participar da segunda etapa da pesquisa, a entrevista. E, a partir da escuta exaustiva do material coletado, escolhemos sete pessoas para figurar na análise de dados desta dissertação. Nessa etapa, nós selecionamos os participantes cuja fala chegou mais perto dos critérios seguintes: relacionar de alguma forma as dificuldades vivenciadas na língua francesa com as dificuldades vividas na língua portuguesa, dizer estar num patamar dos alunos dos níveis que os cursos chamam de básico, ou seja, ter dificuldade de formar frases complexas e

interligá-las ou ser capaz apenas de conduzir apenas pequenos diálogos, enfatizar essas dificuldades, mostrando um vivo interesse em superá-las. Quanto à idade dos participantes, a princípio, esse não foi um critério de seleção, mas a variação de faixa etária serviu para mostrar que a dificuldade de entrada numa língua estrangeira não é um problema exclusivo das pessoas com idade mais avançada, como escutamos no senso-comum.

Quadro do perfil dos participantes da pesquisa

Participante	Idade	Sexo	Escolaridade	Tempo estudo de língua	Nível
1	22	F	Superior incompleto	2 anos e 8 meses	Avançado 2
2	64	F	Superior	Mais de 10 anos	Intermediário 2
3	27	F	Mestrado	4 anos	Avançado 2
4	18	F	Superior incompleto	8 anos	Avançado 1
5	23	M	Superior incompleto	2 anos	Avançado 1
6	24	F	Superior incompleto	2 anos	Avançado 1
7	36	F	Mestrado	5 anos	Avançado 2

3.3. Procedimento

Os dados da pesquisa foram coletados num período de dois meses, do dia 19 de setembro ao dia 19 de novembro de 2011. Trata-se de uma entrevista semi-estruturada que comportou dez perguntas concernentes à relação do participante com a língua francesa: Por que razão você optou por estudar a língua francesa?, Há quanto tempo você estuda francês?, Você já

estudou a língua francesa em outro curso? Se sim, por que mudou de escola?, O que você acha do francês enquanto povo, enquanto cultura?, Para você, o que significa estudar uma língua estrangeira?, Qual é a necessidade que você sente de falar nessa língua?, Você sente desejo de nomear as coisas que o/ a cercam em francês?, Para você o que torna o francês fácil ou difícil?, Quando você vai falar ou escrever em francês, você recorre sempre à tradução ou pensa diretamente em língua francesa? Nem todas as perguntas foram postas a todos participantes, visto que as entrevistas tomaram caminhos diversos e respeitou-se a fala dos alunos. Cada participante escolheu o momento e o local de ser entrevistado. As gravações de áudio variaram de 5 minutos e 27 segundos a 41 minutos e 26 segundos, visto que se respeitou o tempo de cada entrevistado.

Após a coleta de todos esses dados, as gravações foram transcritas cuidadosamente e revisadas várias vezes a fim de preservar a integralidade de cada discurso. Essa primeira etapa gerou um banco de dados de 12 entrevistas. Dessas 12, selecionamos sete por satisfazerem os requisitos da pesquisa, já descritos no item sujeitos. Terminada essa etapa, as entrevistas foram lidas várias vezes. Ao passo que as lia, o entrevistador escutava as gravações de áudio a fim de verificar se a transcrição correspondia às entrevistas, no que concerne às hesitações, à entonação, aos tropeços, aos atos falhos, por cremos que as não-coincidências revelam muito sobre o sujeito.

Por se tratar de uma pesquisa apoiada que parte de alguns conceitos da psicanálise, que tem como conceito fundamental o sujeito do inconsciente, buscamos ao longo da entrevista conhecer a relação de cada participante com a língua que teceu o seu inconsciente. Não a língua enquanto conjunto de regras, mas como aquela por meio da qual as coisas adquiriram valor para quem fala. Dessa forma, elaboramos três categorias de análise: por que estudar a língua francesa?, Concepção do francês enquanto povo, enquanto cultura e dificuldades apontadas. A meta maior foi avaliar os reflexos do laço muito específico que mantemos com a língua materna, traduzidos, nesse trabalho como resistência à captura que a língua estrangeira representa para esses alunos. Para tanto, permitimos que cada um deles falasse da sua experiência com a língua e das dificuldades vivenciadas no processo de aquisição.

As análises apontaram elementos que parecem se repetir ao longo dos discursos, tais como a falta de tempo, a dificuldade presente na gramática da língua francesa, a questão da idade. Contudo, percebemos que esses elementos têm pesos diferentes em cada discurso e essa foi a razão que nos levou a analisar as sete entrevistas de forma separada. Embora as análises pareçam, às vezes, repetitivas, elas concebem cada participante como único. No final das análises, as conclusões finais discutem o que foi apreendido a partir delas.

Quanto às transcrições, utilizamos alguns símbolos: o (...) indica uma pausa; o [palavra...], uma hesitação; nome em caixa alta, ênfase; palavra/ outra palavra indica que uma palavra se sobrepôs a outra de forma brusca; (?) indicada que não entendemos o termo e (()), comentários dos pesquisadores.